

A crítica
22/6/97 E3
38

Manaus, domingo, 22 de junho de 1997

ECONOMIA

a crítica  E3

Consórcio torna realidade a bioindústria

Projeto de US\$ 120 milhões possibilita o funcionamento, no próximo ano, do primeiro laboratório de química ecológica da região

Fotos: AC

Vera Lúcia Pinto

A Zona Franca de Manaus vai mudar de cara nos próximos anos. Um grande consórcio formado por institutos de pesquisas nacionais e internacionais, ministério e órgãos da área ambiental e Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa), espera operar até o próximo ano o primeiro laboratório de química ecológica para a exploração de bioindústrias na região.

Estimado em US\$ 120 milhões, o projeto prevê a utilização da biodiversidade (conjunto de recursos naturais) na implantação de um novo pólo industrial, pesquisa e desenvolvimento, voltado exclusivamente para o aproveitamento de matéria-prima local.

O grupo de trabalho composto por pesquisadores, técnicos do Governo e representantes do Ministério do Meio Ambiente, Secretaria da Amazônia, Secretaria de Políticas Regionais e Suframa, já tem marcado para outubro uma reunião para concluir o projeto. Nesse mesmo período está prevista a reunião anual dos doadores do PPG-7 (Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais), bancado pelos sete países mais ricos do mundo, um dos prováveis participantes do consórcio.

"A Zona Franca esta aí e é importante que seja fortalecida, mas é urgente a necessidade de se buscar modelos alternativos de economia para os Estados amazônicos", justificou o superintendente da Suframa, Mauro Costa.

O previsto laboratório multiespecializado será um "celeiro" de onde emergirão projetos de desenvolvimento, patenteamento, testes e certificação de produtos naturais da região. A tecnologia gerada por esses estudos será repassada, então, às empresas interessadas para a exploração comercial.

Os setores alimentício, mineral e fármaco despontam como os mais promissores, embora o leque de oportunidades seja quase indimensionável, incluindo aproveitamento de resinas, óleos, graxas, resíduos minerais, subprodutos pesqueiros e outras fontes. "É infinito o potencial econômico dos recursos naturais da Amazônia", avaliou um dos coordenadores do grupo de trabalho, Wanderley Messias da Costa, representante do Ministério do Meio Ambiente.

A primeira fase do projeto, or-

çada em US\$ 80 milhões, compreende a industrialização de produtos já identificados. Numa segunda fase, onde serão aplicados US\$ 40 milhões, estão previstas novas pesquisas para a identificação de novos produtos.

A oferta de mão-de-obra também não pode ser quantificada em números absolutos, explica Wanderley, porque recupera uma demanda de empregos até então suprimida com o fim do extrativismo tradicional, além de fixar o homem no interior, o prin-

Do laboratório multiespecializado sairão tecnologias que serão repassadas às empresas para o uso comercial

cipal elemento na coleta da matéria-prima. O extrativismo, por sinal, é tido como uma fonte de geração de vagas, mas numa versão mais avançada, com qualificação, explica o pesquisador.

Wanderley esclarece que o laboratório não será um órgão público. "Eles serão auto-sustentáveis financeiramente", detalha. Os recursos serão proveniente do patenteamento dos produtos e serão investidos na remuneração dos pesquisadores. A idéia é "ven-

der" os frutos das pesquisas para todo os países interessados. Grupos estrangeiros poderão também explorar comercialmente as bioindústrias desde que paguem os "royalts" correspondentes.

As bioindústrias, de acordo com o que já prevê a lei de incentivos fiscais da ZFM, terão vantagens para produzir, desde que os projetos sejam destinados a exploração de recursos da região.

Interesses preservados — A Suframa participará do projeto no papel de agenciador de investimentos privados para a instalação das bioindústrias. Paralelo aos incentivos que serão concedidos, a autarquia também se comprometeu com a cessão de terrenos para a instalação do laboratório e de empresas.

A iniciativa de converter em fonte de alternativa econômica o potencial praticamente inestimável dos recursos ecológicos da região partiu de pesquisadores de institutos como Inpa, Universidade Federal do Pará, Museu Emílio Goeldi, Embrapa, UNE, Instituto Butantã e Universidade do Amazonas. Esse grupo reuniu-se em janeiro deste ano para estudar o potencial de pesquisa do setor e concluíram por apresentar ao Governo Federal a proposta de instalação do novo pólo de desenvolvimento na ZFM.

"O Governo tem interesse em explorar a biodiversidade da região, a Suframa tem interesse de atrair novos investimento e buscar novas alternativas de desenvolvimento, então formou-se essa parceria", conclui Wanderley Costa.

Multis exploram matéria-prima

Com alta tecnologia e, sobretudo, muito dinheiro, não é difícil para os grandes grupos estrangeiros se aproveitarem da diversidade de recursos naturais da Amazônia para aumentar ainda mais seus lucros. Quase todos os laboratórios multinacionais se utilizam de matéria-prima extraída da região, como fonte de medicamentos, que depois são explorados comercialmente em larga escala, gerando lucros que chegam anualmente à casa de US\$ 800 milhões.

Os exemplos mais clássicos

são o da utilização do veneno da jararaca, que apresenta-se como um dos melhores vasodilatador já pesquisados. Um laboratório americano pesquisou e patenteou o produto e hoje fatura em todo o mundo com a "descoberta".

O curare, um veneno utilizado pelos índios na captura de peixes, também foi aproveitado pelos laboratórios por se revelar um excelente coagulante. A pesquisa foi feita por um cientista de Ribeirão Preto (SP) que, no entanto, não patenteou a descoberta.



Os recursos naturais são as opções econômicas, diz Mauro Costa

Segmento é um dos mais promissores

A bioindústria, um dos segmentos mais promissores da economia, nada mais é do que a conversão de fontes de riquezas naturais disponíveis da fauna e flora de determinada região em projetos economicamente rentáveis. Além de demandar pesados investimentos em tecnologia, o setor exige programas contínuos de pesquisa, mas é tido como um dos mais movimentam dinheiro em todo o mundo.

Só os principais grupos farmacêuticos do mundo faturam, em média, US\$ 4 bilhões por ano com cada remédio desenvolvido a partir de princípios ativos extraídos de plantas e árvores disponíveis em florestas tropicais.